

Para citar esse documento:

LOPES, Beatriz Pizarro dos Santos; GARCIA, Luana de Assis. Dança como cuidado em pesquisa: perceber sem ver. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 613-620.



www.portalanda.org.br

DANÇA COMO CUIDADO EM PESQUISA: PERCEBER SEM VER

Beatriz Pizarro dos Santos Lopes (UFRJ) *
Luana de Assis Garcia (UFRJ) **

RESUMO: Em parceria com o Instituto Benjamin Constant, o grupo Perceber Sem Ver desenvolve oficinas de Experimentação Corporal pra pessoas cegas e com baixa visão, fortificando novas versões de mundo. Nossas metodologias são PesquisarCOM (MORAES, 2010), e o corpo enquanto corporeidade (ELIAS, 2013). Afirmamos que cada corpo recria-se continuamente, o que é trabalhado nas oficinas construindo redes e afeto, entendendo as oficinas como dispositivo de pesquisa e intervenção. Discutimos a abertura deste campo em que a dança é cuidado e produção de saúde, buscando a potencialização das singulares formas de viver e não a hegemonia da cegueira como falta e déficit.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Corporeidade. Deficiência.

ABSTRACT: In partnership with the Benjamin Constant Institute, the Perceber Sem Ver group develops Body Experimentation workshops for blind and low vision people, fortifying new world versions. Our methodologies are PesquisaCOM (MORAES, 2010), and the body as corporeity (ELIAS, 2013). We affirm that each body continually rebuild sit self, which is worked in the workshops building networks and affection, understanding the workshops as a device for research and intervention. We discuss the opening of this field in which dance is care and health production, seeking the potential of the unique ways of living and not the hegemony of blindness as lack and deficit.

KEYWORDS: Dance. Corporality. Disable.

O projeto de pesquisa Perceber Sem Ver (UFF), coordenado pela Prof^a Dr^a Marcia Moraes, se debruça sobre temáticas que permeiam deficiência, corporeidade e subjetividade. A equipe conta com uma parceria institucional entre alunos da

graduação e pós-graduação em psicologia da UFF e graduação em Dança pela UFRJ.

A pesquisa se dá em parceria com o Instituto Benjamin Constant (IBC). O IBC é lugar de referência nacional para estudos e reabilitação da cegueira. A pesquisa se dá em oficinas de experimentação corporal, oferecida aos reabilitandos da instituição com livre inscrição, não fazendo parte da grade obrigatória a cumprir (são obrigatórias aulas de O.M. – Orientação e Mobilidade- que seria o aprendizado do uso da bengala, por exemplo). Essas oficinas, entendidas aqui como dispositivos de pesquisa e intervenção, são espaço de vivências corporais, onde experimentamos movimentos, sons, texturas, equilíbrio, danças, criação através de diferentes atividades que são planejadas a partir das pistas trazidas pelos participantes. O IBC possui uma escola para as crianças cegas ou em vias de cegar com uma grade diferente da reabilitação. Há oficinas que ocorrem como horas complementares aos alunos que se inscreverem, oficinas para o corpo.

O processo de cegar configura-se como mudança de conexão com o mundo, exigindo uma reorganização do corpo por novas vias e modos. O grupo conta com a metodologia PesquisarCOM (Moraes, 2010), que desfaz a hierarquia e dilui o modo pesquisador/pesquisado. A pesquisa se constrói COM o outro, no fazer, na ação; no processo de corporeisar-se (ELIAS, 2013). Assim, as oficinas são momentos de compartilhamento das experiências singulares, potencializando novas versões de mundo e diferentes maneiras de viver. Neste trabalho, buscamos discutir a abertura deste campo em que o saber e o pensamento da dança são agentes de uma experiência de cuidado e de produção de saúde através de uma relação sensível com o próprio corpo e o do outro.

Metodologia(s)

Como citado acima, a metodologia PesquisarCOM traz horizontalidade não apenas dentro do grupo, mas principalmente na Oficina de Experimentação Corporal. Desse modo, os participantes são também pesquisadores e criadores, eles não são objetos de estudo e pesquisa, são parceiros e construtores da mesma. Assim, nosso planejamento acontece após cada encontro, não há um plano de trabalho geral ou um objetivo final, ponto a se alcançar. Planejamos a oficina seguinte com base nas pistas da última, dividindo com os participantes e questionando suas vontades, o que sentem, como estão... E após as Oficinas construímos Diários de Campo, que são lidos e estudados em reunião, servindo de base para planejamento da próxima oficina, além de ser obra de construção de memória.

O processo de cegar provoca a perda de um canal de conexão com o mundo, mundo esse do qual fazemos parte e que também nos constrói e nos constitui. Muitas vezes, percebemos que essa perda produz corpos enrijecidos, com um equilíbrio deslocado, corpos que na busca por uma nova atenção, por uma nova maneira de estar no mundo criam uma tensão excessiva, um distanciamento do próprio corpo. Apostamos nas oficinas de experimentação como um espaço para produzir novas maneiras de ser corpo, para experimentar sensações e movimentos que ampliem as possibilidades de relação com o outro e com o mundo. Acreditamos, assim, nos devires, nas invenções, nas versões articuladas a partir do movimento. Essa aposta dá passagem àquilo que traz sensação, que faz o corpo falar, que divide memórias e costura no coletivo novas histórias.

Tomamos este corpo enquanto corporeidade, existência que se realiza apenas enquanto prática de experimentar-se. Sustentamos que cada corpo está constantemente recriando-se, redesenhando suas bordas, a partir de cada encontro, cada relação que estabelece consigo e o mundo. Trata-se, então, ao contrário de pensar o corpo como uma instância finalizadora, pensá-lo enquanto um viver-se, uma experiência de corporeisar-se (ELIAS, 2013). Dessa maneira, o corpo é trabalhado nas oficinas buscando essa presença dinâmica que constrói redes e se articula no afeto, afeta e é afetado, toca e é tocado. No conto “Ver e não ver” do Oliver Sacks (1995) ele nos fala sobre como a visão é aprendido também, não está dado o que e como é ver.

:

Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo através de experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes. (...) Não se vê, sente ou percebe em isolamento — a percepção está sempre ligada ao comportamento e ao movimento, à busca e à exploração do mundo. (Sacks, 1995).

Ele nos mostra o quanto nosso corpo é todo bordado por nossas experiências. Com isso, um corpo que não conta mais com um sentido passa por um processo de transformação, de reapropriação de seu próprio corpo e do mundo à sua volta.

Além disso e talvez o principal, seja tomar os participantes das oficinas como experts nas suas experiências e suas vidas. Essa relação se costura, numa criação coletiva de novas possibilidades e no compartilhamento. O pesquisarCom se desdobra na colheita de narrativas singulares, a partir das quais podemos criar

diferentes versões articuladas com o não ver. A aproximação com diferentes realidades produz uma ramificação de possibilidades, enfraquecendo a concepção hegemônica que tem a cegueira como falta, como déficit e dando espaço para outras versões e outros projetos de corpo com e para além da cegueira.

Nosso pensamento de corpo como corporeidade, como corpo que se (re)faz a todo instante, e está em constante (re)construção é nossa metodologia também.

A resposta do corpo nas oficinas também é algo que flexibiliza o planejamento, já que há diversas condições físicas – não só visuais. Pensamos nesse corpo não marcado por uma falta – a visão- mas um corpo que está sujeito a outros processos da vida, como a velhice. Um corpo que passa por dias disponíveis e outros não. Pensamos no corpo individualmente, pensamos o que cada corpo precisa, e o que eles precisam como coletivo, afinal partilham diversas experiências juntos. Como diz Oliver Sacks:

Nessa perspectiva, deficiências, distúrbios e doenças podem ter um papel paradoxal, revelando poderes latentes, desenvolvimentos, evoluções, formas de vida que talvez nunca fossem vistas, ou mesmo imaginadas, na ausência desses males. (Sacks, 1995, 13)

Nesse caminho contra-hegemônico da cegueira em que o PesquisarCOM e o Corporeisar-se fazem metodologia, descobrimos uma nova possibilidade de campo para a dança. A Dança entra como conhecimento e como construtora de conhecimento. Um novo espaço de atuação na Dança em parceria com a Psicologia, onde o movimento nas oficinas é lugar e espaço de (re)construção de mundos, o

mundo de si, do outro, e como o encontro dos mundos, pela dança, produz – também - saúde.

Se a cegueira, inicialmente, implica em restringir o movimento, a oficina de experimentação corporal é um espaço de criação de novas possibilidades, de ampliar e alargar a harmonização do corpo e promover outras versões para além do ser cego (Barros, 2013).

Oficinas de Experimentação Corporal

No projeto, os planejamentos de cada oficina são feitos em grupo. Um planejamento coletivo abarca muitas perspectivas e ideias, o que contribui não só para uma troca entre os integrantes da pesquisa, mas também vai de encontro com as diversas especificidades com as quais nos deparamos, principalmente no grupo dos reabilitandos. Frequentam as oficinas pessoas cegas e também com baixa visão, muitas até no processo de cegar. A priori, isso já nos traz uma série de sutilezas para criar atividades que agreguem o grupo e também pensar em como criar sentidos, criar conexões. As oficinas são também o espaço para o manejo e acolhimento de um processo doloroso que é o da perda da visão. O movimento pode ser precursor de uma fala, um choro, uma conversa, uma partilha. Ali aparecem inúmeros outros projetos de corpo para além da cegueira o que é considerado quando carregamos nosso planejamento para esse encontro. Entrar em contato com corpos múltiplos, como somos todos nós e considerar as necessidades de cada pessoa em cada momento.

Começamos a pensar também a relação entre cuidado e tutela e sobre como o limite entre ambos é tênue. É preciso cuidar sem impor barreiras ao outro. É um

exercício fomentar uma relação de autonomia, em que cada um pode falar o que é possível ou não para si e perceber que um imprevisto pode ser uma abertura para pensar o que não estava dado e não era óbvio. É sobre deixar se afetar pelo acontecimento ao contrário de impor uma lógica pré-estabelecida, com pouco espaço para saber do novo, para colher novas possibilidades.

Considerações finais

Poder perceber que o corpo que cega tem outros projetos, outras conexões como dançar, lavar louças, viajar, envelhecer e muito mais; ao compartilhar as rotas desviantes desses corpos, produzimos saúde, colhemos os efeitos clínicos daqueles corpos corajosos, corajosos porque são capazes de se arriscar. O corpo é corajoso quando arrisca, se lança a experimentar, a pôr-se a prova. Assim a deficiência visual mais não faz do que manter alerta para o “abismo” que sempre se interpõe entre diferentes culturas, diferentes pessoas. Aqui, entendemos saúde como a potencialização das singulares formas de viver, ramificando as experiências e enfraquecendo a concepção hegemônica que tem a cegueira como falta. Percebemos o quanto o movimento pode ser precursor de uma partilha, descobertas sobre o próprio corpo, ativação de memórias. Encontramos na dança a abertura para a construção de um corpo sensível e ter o movimento, o conhecimento do corpo como alicerce e como pesquisa constante.

Referências

Barros, Laura. **Movimento Sensível e Vital: Uma oficina articulando a cegueira com o mundo**. Tese de doutorado, psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Canguilhem, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

Elias, Marina. (2013) (M)eu corpo:A corporeidade como espaço potência de criação.Rio de Janeiro: **Anais do Seminário Angel Vianna**, 2013. Disponível em: <http://www.escolaangelvianna.com.br/seminario/anais/trabalho/meu-corpo-acorporeidade-como-espaco-potencia-de-criacao>, homepage. Acesso em julho de 2017.

Moraes, Marcia. PesquisarCOM: Política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, Marcia. &Kastrup, V. (Orgs.) **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Ed. NAU/FAPERJ, 2010.

Martins, Bruno.**Pesquisa acadêmica e deficiência visual: resistências situadas, saberes partilhados**.Publicado em Revista Benjamin Constant, outubro de 2013, número especial. Disponível online em <http://www.ibc.gov.br/?catid=4&itemid=10359>.Acesso em março de 2014.

Sacks, Oliver.Ver e Não Ver. In: **Um Antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

*Beatriz Pizarro é bacharelanda em Dança pela UFRJ. Foi Bolsista de Iniciação Artística/CNPq no Projeto de pesquisa Arriscado: um diálogo entre dança e acrobacia – UFRJ, e bolsista monitoria do Laboratório de Arte Educação – UFRJ. Atuou como pesquisadora no projeto de pesquisa Pereber Sem Ver – UFF.

**Luana Garcia ébacharela em Dança pela UFRJ e Técnica em Dança pela ETEC de Artes – SP. Foi Bolsista de Iniciação Científica e Artística/CNPq no Grupo de Pesquisa em Dramaturgias do Corpo. Foi bolsista estágio apoio técnico do núcleo Rio de Janeiro do Mapeamento Nacional da Dança: 8 capitais brasileiras e Distrito Federal. Atuou como pesquisadora no projeto de pesquisa Pereber Sem Ver – UFFe intérprete-criadora do projeto de pesquisa Arriscado: um diálogo entre Dança e acrobacia – UFRJ. Atualmente, é coordenadora de acervo, pesquisa e comunicação – MEDIATECA no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro.